

SOB O  
SOPRO DE  
CINCO  
VENTOS

Kátia Valevski

Editora Penalux  
*Guaratinguetá, 2022*

## ASA DE VIDRO

Asa de vidro,  
Em que a luz perpassa  
E a visão atravessa,  
Não pode seguir um meandro.

O voo que lhe cabe é reto –  
Lindamente reluzente,  
Brutalmente transparente,  
Mas refém de frágil calcanhar secreto.

Como os telhados, também de vidro,  
Há sempre o medo de viver o rio  
Que em seus dias de correr bravio,  
Porventura hão de lhe arremessar uma pedra.

Asa de vidro,  
De nada um voo lhe serve.  
Sem curvas, os céus e os ares  
Só lhe levam a um estado inerve.

Asa em vidraça,  
Dobra-se à vida  
E se estilhaça  
Ao ponto da partida.

Cai ao chão  
E volta aos charcos...

De lama, molda seus arcos  
Para voos em derivação.

Ressurge, lodenta, nos ares.  
E ainda que cinzenta,  
Tal qual arribação,  
Cruza, casmurra, os longos mares.

Asa de lama, de terra, de barro,  
Seu curso é seu intento.  
Não há mais impedimento,  
Nenhuma pedra, nenhum esbarro.

Voa-se plena em voltas e curvas,  
Que voltas e curvas a vida dá.  
Voa as linhas e os meandros.  
Deixa-se pena, ao vento, a vagar.

## PARTÍCULA

Cada sonho de mim é plano  
Cada ponto de mim, uma vírgula  
Em cada santa, um mundano  
Em cada calha, uma gárgula

Cada tempo de mim é século  
Cada parágrafo, um conto  
Em cada dúvida, o oráculo  
Em cada juízo, um tonto

Cada gole de mim é ebriez  
Cada sentença, um verso  
Em cada olhar, a avidez  
Em cada estrela, um universo

Cada retrato de mim é efígie  
Cada lembrança, uma comoção  
Em cada montanha, a planície  
Em cada passo, uma fundação

Cada silêncio de mim é brado  
Cada palavra, uma oração  
Em cada segredo, o sagrado  
Em cada partícula, uma amplidão

## FUMO AOS CÉUS

A fumaça sobe às folhas;  
Meu cigarro alcança o céu.  
Leva nele minha alma,  
Bufada sem freio, ao léu,  
A se intrometer nas nuvens –  
De meu eu, um solidéu!

O filtro das folhagens  
Não lhe subtrai o véu,  
Só lhe acentua as ondas  
De um sopro que escafedeu.  
Sua companhia me acalma;  
Anima o sonho que não morreu.

Gases viajantes no espaço  
Especulam o que me reserva Deus.  
Vão, sem volta, mas com coragem,  
Deixando-me aos devaneios meus,  
Em esperança infirme, por cansaço,  
Como Prometeu traíndo a Zeus.

Do barro úmido ao seco sargaço...  
Todos nos transfiguraremos  
Em fósseis de carbono e voláteis,  
Talvez antes que respostas achemos.  
Partiremos dessa térrea-aquosa esfera  
Sem que mistérios de nós decifremos.

## ARREPIOS DE VIDA

Entre o princípio e o fim  
Há o ser, o amar, o escrever,  
Há o sorver, o rir, o beber,  
O experimentar do viver  
Sem medo de errar, o crescer,  
O cantar, a dor, o prazer.  
Há o agir no tempo  
Para criar o lembrar,  
O andar antetempo  
Para aprender o cair.  
O abrir das portas e o sair  
Para em novas conchas entrar;  
O seu lugar no mundo construir  
Para sua alma encasar.  
Há o conhecer, o desbravar,  
O entrar num outro lugar,  
O partir de lá  
Para cá voltar.  
Há o caber e o descaber,  
O conquistar e o perder,  
Manhãs, tardes e o anoitecer,  
Sóis, luas e o desconhecer.  
Há o desafio do conviver  
Sem sua essência perder  
Mas se permitindo o trocar.  
Há que haver música no ar  
Para seu trajeto ameigar;

Há que haver cores, sabores,  
Cheiros doces de flores,  
Para o espírito enlevar.  
Entre o princípio e o fim  
Há que se bem viver  
Sem borregar, nem pestanejar,  
Sem se arrepelar, nem arrepender.  
Sentir seu sopro vital se arrepiaar...

## ONÇA TIGRADA

Meu antebraço é um mosaico de sinais  
Do excesso ou ausência de melanina –  
Pintas brancas e marrons tão iguais  
Às de minhas mãe e avó que eu curiosava, em menina.

Achava estranhos e bonitos aqueles mesclados,  
Mas deles tão pouco entendia.  
Por que seus braços eram, assim, pintados,  
De bolinhas claras e escuras, em intrigante alegria?

Ouvira sobre os antepassados brancos –  
Navegantes cruzando atlânticos mares,  
Em navios, com subterrâneos flancos,  
Cheios de negros sofridos, prometidos a falsos lares.

Soubera sobre os antepassados índios –  
Sem manchas nenhuma nos braços,  
Apenas dourados de sol, sem dispêndios,  
Ou desenhados com tintas e tirnas, em círculos e traços.

Aprendera que os índios, com surpresa,  
Receberam brancos e negros nas praias,  
Munidos de arco, flecha, ingenuidade e pureza,  
Ante pistolas de homens e pudores de mulheres de saias.

Decifrava-me, aos poucos, a cútis estampada!  
Originária de amarela ameríndia tez,

Por detrás de chitas ou em cambraias ocultada,  
Mescla de poás e cânceres, escravidão e altivez.

Um antebraço flocado aos olhos da criança,  
Vivido e miscigenado agora aos meus.  
Tatuado, em manchas, pelos tempo e herança,  
Triplamente abençoado por Tupã, Ogum e Deus.



LIVROS ILUMINAM

---

Este livro foi composto em Adobe Garamond  
Pro pela Editora Penalux e impresso em papel  
off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em setembro de 2022.

---